

As Tribos Urbanas as de Ontem até às de Hoje

Helena Sofia Martins de Sousa¹, Paula Fonseca²

RESUMO

As tribos urbanas surgiram como um reflexo da globalização das sociedades modernas. Jovens, numa vontade de se diferenciarem mas também de se identificarem, reúnem-se em grupos partilhando os mesmos ideais e gostos. Algumas particularidades comportamentais e estéticas permitem a sua identificação.

Uma boa comunicação e a não estigmatização do jovem pode ser a chave para uma boa relação médico-doente com uma melhor *compliance* comportamental ou terapêutica. Aborda-se algumas das características mais típicas das “tribos” dos dias de hoje alertando-se para alguns dos riscos mais provavelmente associados.

Nascer e Crescer 2009; 18(3): 209-214

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos que a população se organiza em **tribos**, ie, grupos coesos com indumentárias e hábitos semelhantes.

Nos povos indígenas o termo tribo traduzia alianças entre clãs, aldeias ou povoações; era um tipo de sociedade organizada com partilha e distribuição dos papéis, que permitia de uma forma mais eficaz a satisfação das necessidades básicas como as da alimentação e de defesa pessoal.

As sociedades de hoje tendem para a globalização com uniformização e individualismo dos seus elementos. O conceito de “**tribo urbana**” surge pela

primeira vez em 1985 com o sociólogo Michel Maffesoli, referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência. Estas tribos surgiram num esforço de diferenciação dos jovens e evocam particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam.

A pertença a um destes grupos pode ser positiva na estruturação da identidade pessoal ao reforçar sentimentos de exclusividade, de protecção, de tolerância e de partilha com os pares. Infelizmente, algumas tribos são temidas pelos comportamentos violentos, habitualmente associados a uma baixa tolerância do “diferente” - homossociabilidade.

Apesar da definição algo rigorosa de tribo verifica-se que, actualmente, a maioria dos jovens apenas se apropria, momentaneamente e sem compromisso, de elementos estéticos de algumas delas, não sendo frequentes os que seguem a preceito os seus códigos. A “transição” entre tribos habitualmente é pacífica, no entanto entre “tribos rivais” pode estar associada a violência.

Pensamos ser importante para o Pediatra que lida com adolescentes ter noção deste tema ao permitir uma melhor compreensão dos valores que regem as suas atitudes e, simultaneamente, alertar para possíveis comportamentos de risco associados. Nesta faixa etária, uma boa relação médico-paciente é essencial para a adesão e sucesso da consulta, facilitada possivelmente se o profissional conhecer alguns dos aspectos do “mundo” do adolescente.

Apresentam-se aspectos caracterizadores de algumas das nossas “tribos

urbanas”, umas mais recentes que outras, mas todas com significado nos dias de hoje. Com algum humor à mistura conseguem identificar muitos dos vossos adolescentes (e não só) conhecidos!

DESCRIÇÃO DAS TRIBOS

Hippies

Os *hippies* surgiram no final da década de 1960 a partir do movimento *flower power* em São Francisco, nos EUA, enquanto decorria a guerra do Vietname.

Este foi um movimento de “contra-cultura” que defendia um modo de vida comunitário e abraçava aspectos de religiões como o budismo e o hinduísmo. Opunha-se ao capitalismo, ao nacionalismo e à guerra, nomeadamente à do Vietname. O lema *peace and love* englobava uma nova ética que defendia a paz e a abolição das desigualdades de todo o tipo (sexuais, raciais, étnicas ou religiosas).



Figura 1

Facilmente identificáveis pelo seu sentido estético, que privilegia a cor, os *hippies* usavam cabelos muito compridos, roupa informal e colorida, calças ao boca-de-sino e sapatos com solas muito altas (figura 1). Enfeitavam-se com flores, a fazer lembrar a designação do seu movimento. Em termos musicais, Janis Joplin, Pink Floyd, Jimi Hendrix, eram algumas

¹ Serviço de Pediatria do HS António - CHP

² Serviço de Pediatria do CH Alto Minho

das suas referências. Os *hippies* eram também associados ao uso de drogas como marijuana, haxixe e alucinógenos como o LSD, já o tabaco era considerado prejudicial...

Apesar do movimento *hippie* ser muito característico dos anos 60 e 70, a verdade é que o espírito do *flower power* e a sua estética conseguiu atravessar gerações e chegar aos dias de hoje (com roupas “roubadas” dos baús dos progenitores!).

Hip-Hop

Movimento cultural que emergiu nos subúrbios pobres, negros e latinos, dos EUA (NY), no final da década de 60, surgiu como forma de reacção aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes urbanas mais desfavorecidas da época. Uma espécie de “cultura das ruas”, um movimento de reivindicação traduzido numa música com letras questionadoras e agressivas com ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas. Como movimento cultural é composto por quatro expressões artísticas: a música rap (*rythm and poetry*) (hip-hop pode ser usado como sinónimo de rap), a instrumentação dos DJs (disco-jockey), a dança *break dance* e a pintura do grafitti. O grafitti representa desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto pintados em muros e paredes, sendo usado como forma de expressão e denúncia.



Figura 2

Os jovens encontraram nessas novas formas de arte uma forma de canalizar a violência em que se encontravam submersos, começando a competir com passos de *break dance* e rimas em substituição das armas. Apesar de ter emergido dum meio hostil o *hip-hop* veio-se a revelar uma ferramenta de integração social e de combate ao racismo e à violência.

Assim como nos outros países, o movimento *hip-hop* em Portugal ultrapassou barreiras raciais, sociais e culturais. Ainda que o movimento tenha maior expressão nos bairros e zonas menos favorecidas, a sua música e dança é apreciada pela generalidade dos jovens.

São facilmente reconhecidos (Figura 2), usam calças largas - para permitir maior amplitude aos movimentos e um melhor efeito visual à dança - bonés de pala ao lado e ténis com atacadores de cores fluorescentes...

Skinheads

Apesar de actualmente serem associados a políticas de extrema-direita e a sentimentos nacionalistas, xenófobos e racistas, estes aspectos em nada coincidirão com os *skinheads* iniciais. A origem do movimento *skinhead* remonta aos finais da década de 1960 quando grupos de jovens, brancos e negros, oriundos do proletariado suburbano londrino começaram a organizar-se em grupos que, para além do visual (roupas particulares e cabelo muito curto), partilhavam os mesmos gostos musicais (ska e reggae), de sentido de território e de paixão pelo futebol.



Figura 3

Os *skinheads* ganharam notoriedade por promoverem confrontos nos estádios de futebol (*hooliganismo*) e, alguns deles, por usarem a violência contra algumas minorias étnicas e homossexuais.

A conotação política de extrema-direita surge com o aproveitamento que a Frente Nacional fez do movimento, aliciando para a sua causa alguns *skins* e *punks*. Assim surgem os *skinheads* nazis, também conhecidos como *boneheads*, nos quais as juventudes fascistas se revêem. Declínio do movimento após a década de 80, com fragmentação dos

skinheads em vários sub-movimentos rivais com ideologias divergentes, que se confrontam ideológica e fisicamente!

Os *skinheads* apresentam um visual comum que reflecte, em parte, a indumentária operária da Inglaterra de 1960: cabeça rapada, blusões com remendos e crachás, calças de ganga com dobra, suspensórios e botas de biqueira de aço (figura 3).

Punks

O movimento *punk* surgiu como uma manifestação cultural juvenil com origem em Londres em meados dos anos 70.



Figura 4

Com início num estilo de música – Punk Rock com bandas como Os Ramones e os Sex Pistols - o movimento estendeu-se a comportamentos e uma estética própria. Os elementos dessas bandas, imaginativos e provocadores, usavam suásticas e outros símbolos nazi-fascistas, assim como símbolos comunistas num desafio agressivo aos valores políticos, morais e culturais. A música *punk* tradicional apresentava um conteúdo agressivo de crítica social; o seu formato de 3 acordes era muito simples podendo ser facilmente tocada, o que estimulou na época vários jovens a criarem bandas.

Os comportamentos dos seus elementos, pautados pelo sarcasmo, gosto pelo ofensivo, crítica social, desprezo

pelas ideologias (políticas ou morais) e pelas lideranças assumiam uma atitude de ruptura face à sociedade. Valorizavam a liberdade individual, a autonomia e o “faça-você-mesmo” com reutilização de roupas e objectos.

Tanto a música *punk*, como o visual dos seus adeptos - deliberadamente contrastante com a moda vigente e por vezes ofensivo - são os aspectos mais característicos e evidentes do *punk*, e reflectem bem o espírito anti-sistema. O termo *moda* não é bem aceite neste grupo já que depreende “comércio, aparência, aceitação social”. Há que usar o termo *estilo* ou *visual* para se referir à roupa como “afirmação pessoal”. O estilo *punk* pode ser reconhecido pela combinação de jeans rasgadas ou calças pretas justas, t-shirts de bandas musicais, cabelo colorido à moicano ou espetado em crista e acessórios como brincos, pulseiras ou colares de picos, cadeados, alfinetes-de-ama e correntes metálicas (figura 4).

Existem vários sub-grupos *punk* associados à emergência de novos sub-gêneros musicais e influências ideológicas que podem apresentar algumas variações no visual. Inclusivamente, é referido que o vestuário (roupa e acessórios e sua combinação) é o factor desencadeante da maioria das agressões entre *gangues*, membros de grupos divergentes do movimento *punk*!

Góticos

O movimento cultural gótico teve início no Reino Unido no final da década de 1970. A subcultura gótica está associada a um estilo de vida caracterizado pelos gostos musicais e estéticos e por um pensamento filosófico.

Os *góticos* distinguem-se das outras tribos urbanas pela sua estética obscura que representa sentimentos de “apego ao nada”, uma falta de esperança, um luto pela situação da humanidade. Rapazes e raparigas vestem de preto, usam maquiagem escura e cabelos lisos, escuros, compridos e desalinhados (figura 5).

Identificam-se com a música que ouvem – o *gótico* – pautada por sons que reflectem situações de angústia e

temas que *glamourizam* a decadência e o lado sombrio. Pensamentos sobre a morte e auto-mutilação, como forma de expulsar a dor interior, são referidos. De entre as inúmeras bandas/intérpretes que fazem parte das preferências desta tribo referem-se: Bauhaus, Gene Loves Jezebel, HIM, Nick Cave and the Bad Seeds, Paradise Lost, The Cult, The Sisters of Mercy.

Os elementos desta tribo surgem pela noite dentro frequentando locais “excêntricos” (exº cemitérios), tendo alguns adeptos da *wicca* (bruxaria) e satanismo.



Figura 5

A referir no entanto que, para a maioria dos integrantes, o movimento gótico será fundamentalmente um gosto musical e uma maneira específica de se vestir, sem grandes envolvimento intelectuais ou filosóficos.

Rasta ou Rastafari

O movimento Rastafari teve origem no povo da Jamaica no início dos anos 30. É um movimento religioso que proclama Hailê Selassîê, imperador da Etiópia como a representação terrena de Jah (Deus). O objectivo era recuperar o modo de vida africano (afrocentrismo), através da proximidade com a natureza e da subsistência com os recursos naturais. Este movimento espalhou-se pelo mundo através do reggae, graças à popularidade de Bob Marley.

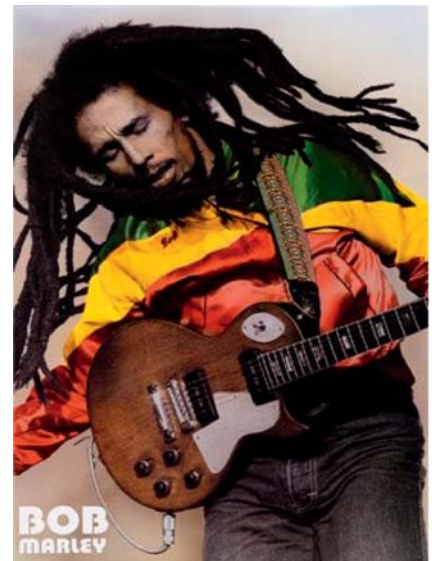


Figura 6

A aproximação com a natureza africana é representada pelo visual (figura 6) - dreadlocks (canudos) no cabelo, roupas leves e descontraídas, pés descalços ou com sandálias de tiras – e pelos comportamentos – contra as alterações da imagem corporal, vegetarianos, ambientalistas e anti-consumistas. Por estes princípios muitos escolhem viver longe da civilização.

Betos e betas

Esta tribo caracteriza-se por viver em função da marca e da moda. Normalmente está associada a boas condições financeiras, já que as roupas e os acessórios de marca podem ser caros.

ANATOMIA DO BETO

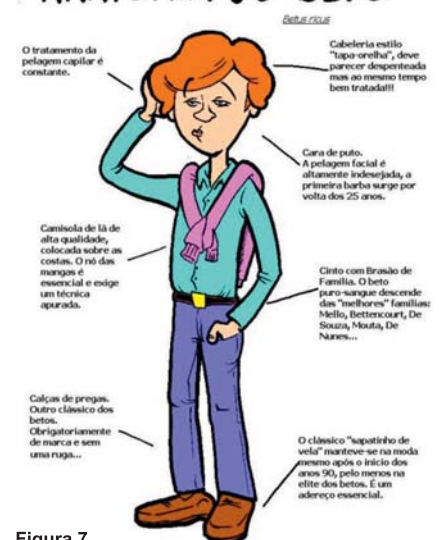


Figura 7

Os rapazes (“betos”) calçam sapatos de vela ou mocassins, usam calças de ganga ou de corte clássico, camisa às riscas ou aos quadradinhos por dentro das calças e cinto a combinar com os sapatos. Nos dias frescos usam uma camisola de lã sobre as costas, com as mangas a passarem pelos ombros e a dar nó à frente (figura 7).



Figura 8

As raparigas (“betas”) normalmente são loiras e usam muitos acessórios (argolas grandes, pulseiras tipo escravas), blusas ou pólos às riscas e botas bicudas de tacão/salto alto. As calças, podem ser de ganga, justas ou “à boca-de-sino” (figura 8).

Clubbers

Os *clubbers* são uma das novas tribos do século XXI. Surgiram em Londres do *clubbing*, ie, frequência assídua de discotecas (*clubs*) onde se ouve música house, techno, trance, underground, drum n’bass. Esta tribo não está associada a ideologias nem a políticas. O que



Figura 9

os move e os une é a paixão pela música de dança e pelo ambiente da noite. Para esta tribo o DJ é a estrela da noite, um ídolo que veneram!

Algumas características diferenciam-nos dos outros “noctívagos”, quer pelo aspecto extravagante (figura 9) - com roupas irreverentes, de cores vivas e brilhantes, acessórios ousados e penteados excêntricos com cabelos coloridos - quer pela atitude, já que não vão para “engatar miúdas” ou “beber copos” mas sim para cumprir o ritual de ir “ouvir o seu som”. Os *clubbers* têm como ponto de encontro as raves onde, por vezes, o consumo de drogas como o *Extasie* lhes permite dançar 24 horas seguidas ...

Dreads

Os *dreads* foram uma das tribos urbanas mais em voga nos últimos anos.

As roupas identificam-nos, calças muito largas (vários tamanhos acima) com grandes bolsos e descaídas na cintura a mostrar os boxers. As t-shirts também são largas e por fora das calças. Usam gorro ou boné (virado ao contrário), cabelo (quase sempre) curto que deixa ver o brinco ou piercings (figura 10).



Figura 10

As meninas *dreads* usam calças de cinta descidas e largas, camisolas justas ou “tops” e acessórios (argolas, pulseiras) seguindo o estilo da musa JLo.

Os *dreads* estão associados à prática de desportos radicais, são frequentes os *skaters*, *snowboarders*, *bikers* (ie, praticantes de skateboarding, snowboarding ou BMX, respectivamente) ou até surfistas com este tipo de indumentária. Habitualmente circulam em grandes grupos e não são violentos.

Nerd

Nerd é um termo derivado de **Northern Electric Research and Development** (pessoas que trabalhavam árdua e “ininterruptamente” num laboratório de tecnologia), descreve alguém com dificuldades de integração social e que, no entanto, nutre grande fascínio por conhecimento ou tecnologia. Existe uma forte correlação inversa entre ser nerd e ser popular. O termo *nerd* e seus “subgrupos” são também utilizados por determinados grupos relacionados a interesses específicos (exº tecnologia e informática; jogos de computador; fãs do Star Trek/Star Wars). Apesar de ser estereotipada na comunicação social, é uma tribo que pode ser difícil de “reconhecer” já que não tem um padrão próprio de vestuário (figura 11).



Figura 11

Os seus elementos, quando inseridos no “seu ambiente”, são muito sociáveis.

Surfistas

Os *surfistas* são loiros (pela parafina e pelo sol) e bronzeados durante todo o ano. Apesar do estereótipo do surfista o associar a alguém que, ainda que bonito, poucas mais preocupações tem para além das ondas e das raparigas; actualmente o surfista tem sido mais reconhecido como um jovem com gosto pela natureza e pela vida saudável. Alguns, apesar de não praticarem surf, partilham o espírito da tribo e a ela pertencem. Vestem roupas de marca Billabong® e O’Neill® (calças ou calções largos e t-shirts com padrão havaiano) e usam óculos escuros (figura 12). No verão não largam as havaianas, que substituem por calçado desportivo durante o Inverno.



Figura 12

As raparigas também são loiras e bronzeadas. Raramente praticam surf, mas têm namorados surfistas, o que as faz dominar toda a linguagem e código da tribo. O vestuário também é Billabong® e O'Neill®, com saias curtas, calções ou calças com padrão havaiano, tops ou camisolas justas e havaianas nos pés.

Vegans

Veganismo refere-se a uma filosofia e estilo de vida que procura excluir o uso de animais para comidas, roupas ou outros propósitos. As razões habituais prendem-se com princípios morais e éticos de protecção dos direitos dos “animais não-humanos”, preocupação com a saúde e ambiente, ou por motivos religiosos e espirituais.



Figura 13

Vegan deriva de *vegetarian*, e é definida por uma dieta vegetariana estrita, onde é excluída a carne, o peixe, os ovos, os produtos lácteos bem como o mel, a gelatina, a caseína, as peles, a lã e a seda (figura 13).

O seu estilo de vida compreende, para além do padrão alimentar vegetariano, a protecção dos direitos dos animais e o pacifismo, opondo-se a todos os tipos de actividade agressiva.

Estima-se que seja uma tribo com nº crescente de adeptos e que a faixa etária mais representada esteja entre os 16 e os 29 anos.

Emos

Emo (abreviação de *emotional*) é um estilo de música descendente do hardcore.

Os seus primórdios remontam a meados dos anos 80, nos EUA, com bandas “emocore”, um hardcore com andamento mais lento e com letras mais introspectivas. O género estabeleceu-se “definitivamente” (tanto quanto uma tribo urbana o permite) no início do século XXI com imensos adolescentes a aderirem. As músicas das bandas *emo* – My Chemical Romance, Alesana ... - têm letras tristes e abordam problemas, com os quais os fãs se identificam.



Figura 14

A cultura *emo* engloba não só um estilo de música, mas também um comportamento e aspectos estéticos muito interessantes que “tocam” em várias das tribos previamente descritas (punks, góticos e hippies).

Com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, o seu estado de espírito é habitualmente triste e melancólico, sendo alguns dos seus elementos apontados como tendo alguma atracção pela automutilação e pelo suicídio, uma forma de

fazer acompanhar a dor psicológica com a física. São também muito sensíveis, carinhosos e extremamente emotivos expressando facilmente as emoções. Livres de preconceitos, pregam a liberdade sexual sendo frequentemente referidos como bissexuais. São contra a violência e as drogas.

O seu estilo é inconfundível e relativamente indiferente para ambos os sexos (o que pode tornar difícil a identificação do género): cabelo escuro esticado com risca ao lado, com franjas assimétricas, por vezes coloridas que escondem um olho. Maquilhagem muito marcada nos olhos, roupa preta com calças justas, ténis All Star® e vários acessórios □ piercings, pulseiras, mochilas a tira-colo com imensos pins (figura 14). Unhas pintadas de preto e uma lágrima sempre pronta são elementos indispensáveis!

Uma categoria, os “*Emo Fruits*” são muito coloridos e habitualmente mais alegres.

Plocs

Uma das tribos mais recentes do século XXI, com origem no Japão, mas já com grande representatividade.



Figura 15

O ponto de união dos elementos relaciona-se com os aspectos estéticos que traduzem um desejo de voltar à infância. Com mais adeptas femininas, esta tribo caracteriza-se pelo uso de roupas coloridas

das e dos mais variados acessórios com motivos infantis, sendo actualmente as mais famosas a Hello Kitty®, as Power Puff Girls® e o Tweety® (figura 15). Os cabelos podem ser pintados de arco-íris, as unhas com cores vivas, e roupas que podem combinar roxo, verde e vermelho... Coleccionam brinquedos “fofinhos” e peluches, gostam de desenhos-animados e lêem banda-desenhada. Ouvem música Pop e músicas infantis.

Traceur e Traceuse

Os *traceurs* (*traceuse* para o sexo feminino) são os praticantes do Parkour – uma arte do movimento, um método natural de treinar o corpo para que este seja capaz de se mover “adiante” com agilidade, com recurso aos obstáculos que “nos” rodeiam (muros, escadas, postes, árvores...) (figura 16). Com início em



Figura 16

França no final dos anos 90, foi divulgado ao resto do mundo – incluindo Portugal - no início do século XXI. Recusando a denominação de desporto, os seus adeptos consideram-no antes uma filosofia de vida baseada nas premissas “aprender a superar os obstáculos” e “ser forte para ser útil”. O seu objectivo, explorar todo o potencial natural do corpo e controlar os seus movimentos, exige um treino físico intenso mas muito disciplinado. Apesar de alguns problemas (compreensíveis...) com as autoridades e os seguranças, com a divulgação do movimento têm vin-

do a ter mais receptividade, simpatia e admiração pela “população”. Ainda que a sua prática seja de risco, a grande disciplina, conhecimento e (quem diria) respeito que têm pelo corpo faz com que na maioria das vezes não se magoem com gravidade.

São uma tribo pacífica, com preocupação pelo corpo e hábitos de vida saudáveis.

COMENTÁRIOS FINAIS

As tribos são um fenómeno sociológico interessante cujas repercussões a nível da estruturação da personalidade do adolescente podem ser importantes.

Comportamentos de risco associados são claros podendo incluir consumo de substância ilícitas (*hippies*, *clubbers*), violência (*skins*, *punks*), auto-mutilação (*góticos* e *emos*) promiscuidade sexual (*emos*), desportos perigosos (*traceurs*) e ...despesas (*betos* e *plocs*)!

Os autores reforçam no entanto a noção que a integração do jovem num destes grupos, só por si, pode não acarretar alarmismo. Mostrar interesse e conversar com o adolescente para conhecer as práticas do seu grupo permitirá avaliar a perigosidade dos seus comportamentos.

Este tema, de todo, não encerra por aqui. As tribos são um fenómeno dinâmico, ao sabor dos novos estilos musicais, interesses e angústias dos jovens...enquanto umas florescem, outras esbatem-se no seio das sociedades. Diferenças respeitantes à ideologia são apontadas como responsáveis pela rápida renovação das novas tribos que têm surgido; referidas como superficiais e relacionadas apenas à questão estética não apresentam o mesmo cariz ideológico forte que criou e manteve tribos como os *hippies* ou os *punks*, actualmente com mais de 40 anos de existência.

BIBLIOGRAFIA

- Maffesoli, Michel. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária 1987.
- O jeito de cada tribo. Revista Veja, edição especial 2003.
- Etnografias revelam dinâmicas das tribos urbanas. DiverCIDADE, revista electrónica 2005; 14.
- As tribos urbanas. Revista Mundo jovem 1995; 263: 6-7.
- Tribos urbanas. Revista Caleidoscópio 2006.
- As tribos urbanas. Revista Visão 2006; 703.
- www.educacao.te.pt
- pt.wikipedia.org

NOTA DA AUTORA

O artigo foi parcialmente publicado em:

H Sousa, I Maciel. Tribos Urbanas. *Juvenil* 2008; 15: 79-83.

NOTA FINAL

Atendendo às poucas publicações disponíveis, alguns dos dados foram retirados de *sites* da Internet escritos por jovens pertencentes a estas tribos. Será de valorizar uma abordagem mais científica acerca do tema.

CORRESPONDÊNCIA

Helena Sofia Martins de Sousa

Telefone: 222077500

E-mail: helena.sofia@gmail.com